

TOPOFILIA E TOPOFOBIA EM *O HOBBIT*, DE J. R. R. TOLKIEN

Oziris Borges FILHO

Doutor em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Professor na Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM. oziris@oziris.pro.br

Nilfan Fernandes da Silva JÚNIOR

Graduando em Letras Português-Inglês - UFTM. nilfanjr@hotmail.com

Resumo

A obra *O hobbit* (1937), de J. R. R. Tolkien, é marcante pela sua grande quantidade de descrições e de espaços. A partir da Topoanálise proposta por Borges Filho, o objetivo principal deste estudo é analisar os espaços dentro da narrativa, através do foco da Topopatia (Topofilia e Topofobia), considerando a relação afetiva espaço-personagem.

Palavras-Chave

Topoanálise; Espaço; Tolkien.

I) INTRODUÇÃO

Para delimitar o foco de nosso estudo dentro do universo de *O hobbit* (2002) iremos pesquisar a construção espacial da narrativa com o fim de ressaltar suas significações e aspectos únicos. Seguiremos a metodologia da Topoanálise proposta no livro de Oziris Borges Filho – *Espaço e literatura: Introdução à Topoanálise* (2007). O estudo decorrerá segundo a noção de topopatia, que se subdivide em topofilia e topofobia. Nossa proposta é tentar responder a alguns questionamentos: como os espaços se organizam ao longo da narrativa? Qual a importância dos espaços no enredo e na ação das personagens? Como são construídas as noções de topofobia e topofilia? O objetivo é analisar e considerar os espaços descritos, tendo em vista as suas características marcantes.

A obra foi escrita por John Ronald Reuel Tolkien - considerado um ótimo filólogo e, o mais notável, um dos mestres da literatura de fantasia contemporânea. Nasceu em Bloemfontein, África do Sul, em 1892, e suas obras mais marcantes foram *O hobbit* (1937), *O senhor dos anéis* (1954, 1955) e *O Silmarillion* (1977), este último, póstumo. Foi bastante reconhecido pelas suas histórias altamente verossímeis e por suas línguas fictícias. Tolkien influenciou diversas áreas, principalmente da literatura e da cultura pop. É interessante notar a sua inspiração na mitologia nórdica e na lenda do anel dos Nibelungos. Aliás, muitos elementos do enredo foram baseados em lendas e contos nórdicos como é o caso dos anões, dos elfos e do dragão, que aparecem em *Beowulf* e nos antigos *Edda*.

A história de *O hobbit* narra as aventuras de Bilbo Bolseiro, o mago Gandalf e mais treze anões. O grupo enfrenta várias situações problemáticas e atravessa diversos espaços para concluir sua missão e resgatar o tesouro roubado dos anões das garras do dragão Smaug.

II) A TOPOPATIA

Um dos tópicos estudados na Topoanálise é o conceito de Topopatia. Para Borges Filho o espaço proporciona um sentimento no personagem devido a suas características e influências. Observe o excerto de *Espaço e literatura: Introdução à Topoanálise* (2007):

(...) Dessa forma, o neologismo *topopatia* significa a relação sentimental, experiencial, vivencial existente entre personagens e espaço. Esse elo assume inúmeras formas e é extremamente variável em amplitude e intensidade emocional. (p. 157)

O espaço provoca sentimentos e emoções que podem ser positivos (denominados espaços topofílicos) ou negativos (os espaços topofóbicos). Essa dicotomia será o ponto principal de nosso estudo, pois seguindo o percurso espacial do protagonista podemos apreender as diversas nuances de sentimentos e sensações que os espaços representam.

III) OS ESPAÇOS TOPOFÍLICOS

Os espaços topofílicos, dessa forma, são aqueles que transmitem sentimentos bons, positivos e alegres aos personagens. São os espaços harmoniosos, benéficos e “eufóricos”. E o primeiro desses espaços é justamente a toca onde vive o *hobbit*.

Os *hobbits* são uma raça imaginária que tinham o hábito de viverem em tocas, fazendo verdadeiras galerias subterrâneas como casas. A toca onde vive o protagonista Bilbo Bolseiro é descrita não como um lugar sujo como era de se esperar, mas como uma verdadeira casa hospitaleira e muito confortável. Veja o trecho abaixo:

A porta se abria para um corredor em forma de tubo, como um túnel: um túnel muito confortável, sem fumaça, com paredes revestidas e com o chão ladrilhado e atapetado, com cadeiras de madeira polida e montes e montes de cabides para chapéus e casacos — o hobbit gostava de visitas. O túnel descrevia um caminho cheio de curvas, afundando bastante, mas não em linha reta, no flanco da colina — A Colina, como todas as pessoas num raio de muitas milhas a chamavam —, e muitas portinhas redondas se abriam ao longo dele, de um lado e do outro. (TOLKIEN, 2002, p. 1)

A toca de Bilbo situa-se no flanco da Colina (The Hill), nome dado à elevação daquela área habitada pelos *hobbits*, na Vila dos *hobbits*. Temos ainda informações de nomes de outros acidentes geográficos situados nas redondezas, como é o caso do rio Água (The Water) ou Beirágua (Bywater). Os nomes dados aos lugares geográficos são chamados dentro da Topoanálise de Toponímia. Percebemos que esses são nomes muito simplórios: apenas substantivos comuns que se transformaram em substantivos próprios. Eles refletem, portanto, a simplicidade e a vida tranquila dos *hobbits*. Toda a região parece ser caracterizada como sendo um local bastante bucólico, uma grande área rural, cheio de árvores, riachos e, dentre as colinas, as tocas incrustadas num plano horizontal. Isso nos leva a outra consideração: os *hobbits* vivem em um microespaço híbrido, de certa forma. São cenários (locais construídos artificialmente), porém ocupando uma região campestre de maneira a interferir minimamente na natureza. Estão em perfeita comunhão com a natureza e com o espaço em que vivem, configurando, dessa forma, a qualidade de um espaço essencialmente topofílico. Para enfatizar essa relação temos ainda a presença da paisagem natural. É um local de grande vivência e de beleza estética que sofreu pouca ou nenhuma interferência artificial externa. Este espaço, portanto, possui a função de caracterizar os personagens dentro de seu contexto socioeconômico e psicológico, uma vez que as descrições feitas indicam as atitudes dos personagens, o seu temperamento e o seu caráter.

A casa *hobbit* tem uma grande significação no contexto. De acordo com Gaston Bachelard em *A poética do espaço* (1978), a casa é representada como

o local de descanso, repouso, em que todos os sentimentos de segurança convergem. A casa significa o ser interior, os diversos estados de alma. Observe o excerto:

Pois a casa é o nosso canto do mundo. Ela é, como se diz frequentemente, nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda a acepção do termo. Até a mais modesta habitação, vista intimamente, é bela. (p.200)

A casa de Bilbo é o reflexo de seu eu interior. É o seu refúgio e o local que ele sente segurança. Aliás, a casa, e os seus respectivos cômodos e mobiliários, refletem a maneira organizada e correta de viver de Bilbo, pois tudo é descrito como se estivessem exatamente em seu devido lugar.

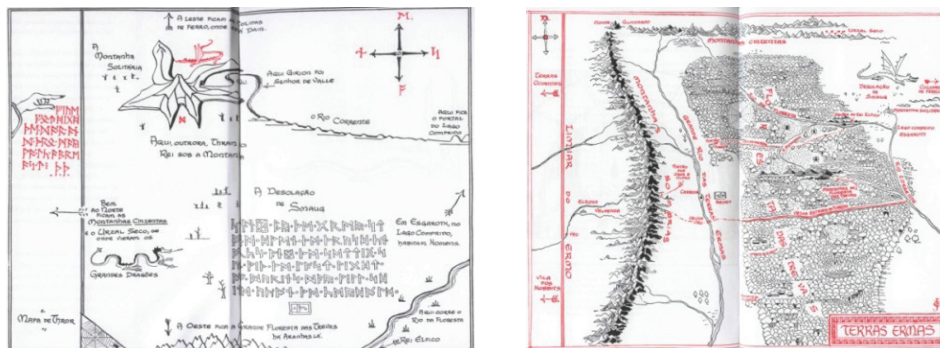
As descrições do protagonista não são muitas, o que o caracteriza como um personagem plano e tipo, entretanto ele desempenhará o papel de grande herói da história. Atentemos ainda que os *hobbits* possuem uma ampla ligação com a terra que, segundo Chevalier e Gheerbrant em *Dicionário de símbolos* (2008, p. 879), indica a substância universal, identificada com a função maternal e da fertilidade. É, portanto, o local ideal para a vida dos *hobbits*, pois estão juntos do elemento que remete à segurança e à comodidade.

A investigação da espacialização existente pode ser aferida devido à quantidade de blocos descritivos dispostos no texto. Temos então uma espacialização moderada, pois as indicações dos detalhes são poucas e aquilo que aparece são informações mais espaçadas e esporádicas; e, por conseguinte, uma espacialização panorâmica, pois há pouquíssimas descrições de móveis ou qualquer posição de objetos, e tudo o que temos são apenas algumas indicações dos cômodos. Ainda não devemos nos esquecer da maneira como o espaço é instaurado na narrativa, a sua focalização. Dentro dessa classificação, observa-se a presença da espacialização franca, pois segundo Borges Filho (2007, p. 62), caracteriza-se por ser composta por um narrador independente e pautada pelo descritivismo. Sem a espacialização franca ficaria difícil o narrador construir todos os espaços envolventes de maneira mais objetiva.

A descrição é um dos pontos chave para a construção de toda a geografia existente. É através dela que sabemos como os espaços são construídos e quais os sentidos que eles representam – se são topofílicos ou topofóbicos. Outro elemento que colabora para a formação dessa realidade e desse mundo interno verossímil é o chamado paratexto, explicitado na dissertação de mestrado *Pseudotradução, linguagem e fantasia em O senhor dos anéis de J. R. R. Tolkien: princípios criativos da fantasia tolkieniana* (2007) de Dircilene Fernandes Gonçalves. Veja o trecho seguinte:

Aliado à tradução em termos de língua, Tolkien também faz uso de um vasto material de apoio na criação da ilusão de realidade de sua narrativa. São os chamados paratextos que, segundo Carol O'Sullivan (s.d, op. cit.), como já mencionado anteriormente, incluem desde o pseudônimo adotado pelo autor até os padrões gráficos utilizados na concepção de capas, imagem e *design* dos livros (...) (p. 133)

No caso de *O hobbit*, os paratextos de sustentação são as letras rúnicas, os mapas de Thor (o mapa do tesouro) e o mapa final das Terras Ermas. Os mapas ajudam na construção da verossimilhança espacial. Veja os exemplos:



A geografia daquele mundo também é considerada uma das bases para o que o próprio Tolkien, em seu livro *Sobre histórias de fadas* (2006), chama de crença literária. A realidade interna da obra se faz com todo esse conjunto detalhado.

Passemos doravante para as complicações da narrativa, que começam a ocorrer no momento em que Bilbo recebe a visita do mago Gandalf e mais treze anos. Todos esses personagens são planos e tipos, porém deuteragonistas em relação a Bilbo. Todos os outros personagens serão apenas tipos, planos e secundários, exceto Smaug, que aparece com maior frequência ao final. Os anões e Gandalf podem ser caracterizados, segundo Joseph Campbell em seu livro *O herói de mil faces* (2007, p. 60 e 74) como arautos, ou seja, aqueles personagens que possuem a função de chamar o herói para a aventura. Gandalf ainda ocuparia a função do velho mago, aquele que conhece os segredos mais profundos e o grande auxiliar do herói nas horas difíceis, podendo-se até mesmo traçar um paralelo com os grandes magos e druidas das antigas lendas celtas e nórdicas.

Assim sendo, Bilbo é obrigado a receber essas visitas inesperadas e ouvir o que elas têm a dizer. E de imediato os anões se acomodam e passam a se servir da comida do *hobbit*. Veja essa passagem:

- Agora estamos todos aqui! – disse Gandalf, olhando para a fileira de treze capuzes, capuzes de festa, removíveis, da melhor qualidade, e seu próprio chapéu, pendurados nos cabides! Que reunião alegre! Espero que tenha sobrado alguma coisa para os atrasados comerem e beberem! O que é isso? Chá! Não, obrigado! Um pouco de vinho tinto para mim, eu acho.
- Para mim também – disse Thorin.
- E geléia de framboesa e torta de maçã! – disse Bifur.
- E pastelão de carne com queijo – disse Bofur. (TOLKIEN, 2002, p. 10)

O trecho acima, além de servir claramente para o propósito humorístico nos chama atenção pela grande quantidade de comidas, que pode ser uma das características que instaura a topofilia. A abundância de comida também é notada em outros espaços topofílicos como na casa de Beorn, no banquete do Senhor da Cidade do Lago e na estada em Valfenda. Podemos dizer até mesmo que esses locais são os que os personagens mais se sentem bem, ou ainda, os locais mais topofílicos, devido a essa harmonia e fartura.

Na toca do *hobbit* outro elemento peculiar da topofilia nos é mostrada - a presença da música, quando os anões começam a cantar e narrar a sua história. Observe o trecho seguinte:

Enquanto eles cantavam, o hobbit sentiu agitar-se dentro de si o amor por coisa belas feitas por mãos, com habilidade e com mágica, um amor feroz e ciumento, o desejo dos corações dos anões. (TOLKIEN, 2002, p. 13)

A música para eles é um meio de tradição oral de se preservar a história longínqua do que aconteceu. Segundo a Topoanálise temos a presença dos gradientes sensoriais nesse trecho, especificamente, a audição. Nesses casos devemos atentar quanto à relação do próprio som. A melodia naquele local fechado e escuro teve o poder de agitar-lhes o coração e até mesmo de despertar em Bilbo o seu espírito aventureiro pelos espaços cantados.

A toca *hobbit*, portanto, é o espaço inicial do percurso espacial do protagonista. Mas será igualmente o espaço final, completando um ciclo. Condiz com a jornada do herói descrita por Campbell com as passagens de separação-iniciação-retorno. Observe a sua chegada no último capítulo:

Como todas as coisas chegam a um fim, até mesmo esta história, houve um dia em que finalmente avistaram a terra onde Bilbo nascera e fora criado, onde os contornos da paisagem e das árvores eram-lhe tão familiares quanto suas mãos e os dedos dos seus pés. (TOLKIEN, 2002, p. 289)

O primeiro local topofílico ao qual a comitiva chega em sua jornada é a Última Casa Amiga em Valfenda (Rivendell). A casa é chamada assim porque é o último recanto onde eles têm a certeza que encontrariam pessoas amigáveis e um local de descanso, já que as terras adiante serão aparentemente desconhecidas e inóspitas (as chamadas Terras Ermas). Valfenda, em português, e Rivendell, em inglês, encaixam-se na geografia descrita, já que a primeira contém a palavra “fenda” e na segunda a palavra “riven” (algo fendido), elementos que se sobressaem naquela paisagem. A Casa encontra-se dentro de um vale, ou melhor, dentro de uma “fenda” nas rochas, como forma de isolamento do povo élfico.

Vale ressaltar que o grupo sempre segue rumo ao Leste. De acordo com o *Dicionário de símbolos* (CHEVALIER, 2008, p. 663) o leste é a região de nascimento do sol e está relacionado às manifestações da renovação. O eixo de oeste para leste seria a manifestação do divino imanente e se cumpre num ciclo dual

de vida e morte. No enredo o leste representa o desconhecido, o mundo perdido, as trevas; enquanto o oeste simboliza o doméstico, o amigável, aquilo que está de acordo com as regras naturais.

Valfenda é descrita de maneira a compor um ambiente. Ao contrário de outros ambientes da narrativa, este se apresenta com um clima psicológico agradável, portanto com efeito topofílico. Veja a descrição quando entram na região do vale de Valfenda:

O ar ficava mais quente à medida que desciam, o cheiro dos pinheiros deixava-o sonolento, e de vez em quando ele cabeceava e quase caía ou batia com o nariz no pescoço do pônei. O ânimo de todos melhorava à medida que desciam. As árvores eram agora faias e carvalhos, e havia uma sensação confortável no crepúsculo. O último tom de verde quase desaparecera da grama quando finalmente chegaram a uma clareira não muito acima das margens do rio. (TOLKIEN, 2002, p. 47)

A topofilia se instaura principalmente pelos sentidos da visão e do olfato como se observa no excerto acima: os tons de verde, a visão de vales e árvores, o cheiro dos pinheiros. Tudo isso ajuda na construção do ambiente agradável. Em outras palavras, a própria terra de Valfenda trazia às pessoas que chegavam uma sensação de tranquilidade e alívio. Nota-se outra das funções do espaço na narrativa: a influência sobre os personagens. Isso tudo não é fortuito. O local apresenta-se sob essa paz porque simplesmente forma um amálgama com o povo em que nela vive - os elfos - que são seres mitológicos de grande energia e sabedoria.

É o senhor élfico Elrond que cumpre o papel do grande sábio. Na narrativa ele ocupa apenas um papel secundário, mas sua importância é vital para a compreensão de todo o “quebra-cabeça”. É Elrond quem examina o mapa dos anões de maneira correta. Ele vê aquilo que os outros não enxergaram: as letras-da-lua, que são escritas ocultas. Mas notemos que aquele Mundo não é feito dos mesmos costumes de que são feitos o nosso. Certas vezes aparecem elementos que só servem para aquele Mundo secundário. Como é o caso das próprias letras-da-lua e do dia de Durin: o primeiro dia do Ano Novo dos anões e o primeiro dia da última lua do outono. Entretanto não são somente as nomenclaturas que são únicas, o tempo também é diferente. O enredo é narrado de maneira cronológica, pois os fatos seguem-se de maneira sucessiva ao longo de um ano, apesar do transcorrer do tempo naquele mundo ser totalmente diferente do nosso tempo.

Após passarem por diversas dificuldades e Bilbo ter escapado das Montanhas Sombrias todos são salvos dos *orcs* (criaturas cruéis que lá habitavam) graças às grandes águias, que os levam para seus ninhos no topo de altos penhascos. Veja:

Ele largou os tornozelos de Dori com um suspiro e caiu em cima da plataforma áspera de um ninho de águia. Ali ficou deitado, sem falar nada, e seus pensamentos eram uma mistura de surpresa por ter sido salvo do fogo e medo de cair daquele lugar estreito e mergulhar nas sombras profundas dos dois lados. (TOLKIEN, 2002, p. 107)

Simbolicamente a águia representa a divindade, é a figura da paternidade, a rainha das aves, um símbolo solar. A águia literalmente representa o auxiliar que vem dos céus, o grande ajudante. É também um local alto, uma das coordenadas que traduz segurança e situações benéficas.

Ao deixarem o ninho das águias eles chegam a outro lugar de importância: a casa de Beorn. A própria terra e a vegetação ao redor parecem prenunciar o que estava por acontecer. Nesse caso, o espaço antecipa a narrativa. Veja:

Só no meio da tarde notaram que grandes extensões de flores começavam a brotar do chão, todas da mesma espécie, juntas como se tivessem sido plantadas. Em especial havia trevos, extensões ondulantes de trevo-copado, de trevo-vermelho, e largos trechos de pequenos trevos — brancos, com um doce perfume de mel. Ouvia-se um zumbido, um murmúrio, um sussurro no ar. Abelhas trabalhavam por todos os lados. E que abelhas! Bilbo nunca vira nada como elas. (TOLKIEN, 2002, p. 115)

O espaço apresenta-se como uma prolepse. Havia toda uma natureza em harmonia e prosperidade, o que indica que o próximo espaço pode ser topofílico e que os próximos movimentos da narrativa podem trazer boas surpresas. Eles se veem na propriedade de um grande homem que possui a capacidade de se metamorfosear em urso e que adora a natureza e os animais. O mais importante de se notar é que todo o estabelecimento de Beorn é construído de madeira, como grandes construções rústicas, ao mesmo tempo em que se integram com a natureza. Observe a descrição:

Logo chegaram a um portão de madeira, alto e largo, atrás do qual podiam ver jardins e um agregado de construções baixas de madeira, algumas com tetos de palha e feitas de troncos irregulares: celeiros, estábulos, barracões e uma casa de madeira comprida e baixa. (TOLKIEN, 2002, p. 116)

A madeira é o elemento de Beorn, aquilo que o liga à natureza e ao mundo ao seu redor. Na simbologia (Chevalier e Gheerbrant, 2008, p. 579) a madeira é o elemento que contém a sabedoria e a ciência sobre-humanas. Isso pode ser aplicado ao grande homem-urso, pois apesar de sua desconfiança inicial ele lhes dá abrigo, comida e, o mais importante, informações úteis de como atravessar a terrível Floresta das Trevas.

Essa passagem é marcada pela grande quantidade de diálogos presentes, que ajudam na composição dos personagens e no efeito humorístico. Outro ponto que devemos salientar é a presença do discurso direto em toda a nar-

rativa. Apesar de ocorrerem passagens com discurso indireto, elas são poucas e menos importantes. Essas características, pelo motivo de ser uma narrativa mais juvenil, conferem ao texto uma noção de dinamicidade.

Apesar da proximidade e de sua relação com a terrível Montanha Solitária o último refúgio topofílico que encontram é a Cidade do Lago (Lake Town) ou Esgaroth, que se situa no Lago Comprido (Long Lake). Embora estejam desconfiados inicialmente, os habitantes lhe dão abrigo. Veja o excerto seguinte:

Não muito longe da foz do Rio da Floresta ficava a estranha cidade sobre a qual ouvira os elfos falando nas adegas do rei. Não fora construída na margem, embora houvesse algumas cabanas e edificações ali, mas exatamente sobre a superfície do lago, protegida da fúria do rio por um promontório rochoso que formava uma calma baía. (TOLKIEN, 2002, p. 186)

Notemos como a Cidade do Lago fora construída. Considerando a sua localização a poucos quilômetros da montanha do dragão, nada mais prático, e até mesmo simbólico, a cidade ter sido construída sobre as águas, que é o elemento oposto ao do dragão. Isso se reflete no comportamento dos habitantes da cidade. O medo deles é terrível em relação às terras da Montanha. Além disso, a cidade é toda construída rústicamente de madeira, que dá uma sensação de fragilidade, uma vez que toda ela se sobressai acima das águas, como se estivesse boiando. Há notáveis diferenças se formos comparar as construções humanas com as construções élficas. Enquanto as primeiras são construções no meio de vales ou florestas, quase um sistema orgânico entre o cenário e a natureza, as cidades dos homens não possuem essa estreita relação com o meio ambiente, são cenários que se podem ver claramente a ação da mão do homem. A arquitetura das raças na obra indica a personalidade e o modo de vida de cada um deles.

IV) OS ESPAÇOS TOPOFÓBICOS

Em contraposição aos espaços que já foram mencionados, temos a presença marcante dos espaços topofóbicos, aqueles que denotam sentimentos negativos, ruins e ameaçadores. São os espaços “disfóricos”.

Logo de início em sua jornada, Bilbo percebe que havia um mundo totalmente novo para ele e tudo começava a ser bem diferente de sua respeitável moradia na Colina. A partir do momento que ele deixa a sua casa tudo se torna cada vez mais estranho, sombrio e preocupante. Assim o espaço é de conformidade, porém negativamente.

Primeiro tinham passado através das terras dos hobbits, uma ampla e respeitável região, habitada por gente decente, com boas estradas, uma estalagem ou duas, e, de vez em quando, um anão ou um fazendeiro viajando a negócios. Depois chegaram a terras onde as pessoas falavam de modo estranho, e cantavam canções que Bilbo nunca ouvira antes. Agora tinham

atingido as Terras Solitárias, onde não restava ninguém, nem estalagens, e as estradas ficavam cada vez piores. (...) Tudo parecia tristonho, pois naquele dia o tempo havia ficado ruim. Durante a maior parte do tempo, estivera tão bom como podia estar em maio, mesmo nas histórias alegres, mas agora estava frio e úmido. (TOLKIEN, 2002, p. 30)

Percebamos que as terras onde habitavam os *hobbits* eram decentes e respeitáveis, com boas construções. Assim que Bilbo ia se afastando e atingindo novas terras tudo ficava estranho, as pessoas falavam diferente, haviam montanhas desoladas e o tempo ia ficando cada vez mais frio e úmido. O modo como a geografia desse espaço foi construída, o tempo cada vez mais fechado e frio, e até mesmo o nome de Terras Solitárias (Lone-lands) formam um conjunto de características que dentro da Topoanálise é chamado de clima psicológico. Esse clima, juntamente com o local encontrado, seja ele cenário ou natureza, constitui o chamado ambiente. A psique do personagem é acometida pelo “temperamento” daquele local, que impõe o medo e a sensação de desconhecido. Podemos falar também sobre a perspectiva da interioridade. Dentro da análise das coordenadas espaciais notamos que os locais interiores são, em sua maioria, agradáveis e topofílicos, enquanto os locais abertos são geralmente ruins, topofóbicos – apresentando-se sob a forma da agorafobia (a fobia de locais abertos).

A passagem pelos *trolls* é o primeiro espaço topofóbico que apresenta uma ameaça real. As palavras utilizadas pelo narrador criam outro ambiente propício para o medo que o protagonista e os anões sentiriam ao se aproximarem do covil. Os próprios anões diziam que estas terras não eram tão bem conhecidas e que a estrada ali não era vigiada, dando uma sensação de isolamento. Aqui notamos a construção topofóbica com mais precisão:

Foram subindo a colina, mas não se encontrava uma trilha adequada, que pudesse levar a uma casa ou fazenda; e por mais que tentassem evitar houve muito farfalhar, estalar e ranger (e também resmungar e praguejar) enquanto avançavam por entre as árvores naquela escuridão de breu. (TOLKIEN, 2002, p. 32)

Vemos que a escuridão é sempre o lugar do perigo e do desconhecido, como uma espécie de inconsciente coletivo. Todas as passagens em que a escuridão se faz presente descrevem locais topofóbicos, com ambientação negativa e com algum prejuízo para os personagens. Lá ainda encontram um armazém onde os *trolls* escondiam todo tipo de objetos saqueados desde comida até espadas antigas. Observemos que a relação dos *trolls* com a terra é totalmente diferente da dos *hobbits*. Enquanto estes usavam a terra como um local de conforto e subsistência para a vida; aqueles a usavam como um refúgio de suas maldades, um local em que eles se protegeriam da luz solar.

Após uma longa caminhada o grupo encontra-se no chamado Limiar do Ermo. A partir desse limiar em diante encontrariam as Terras Ermas, nome

dado entre esse limite até a Montanha Solitária. Há novamente a estreita relação entre o nome do lugar e seu significado. Ermo é um lugar despovoado, deserto, e solitário. Em inglês – *Wilderland* – literalmente, terras selvagens. E é exatamente essa a ideia que o narrador quis passar para os leitores ao utilizar-se dessa nomenclatura.

Porém um dos locais mais perturbadores são as Montanhas Sombrias (Misty Mountains) e, conseqüentemente, o seu interior. Por meio da experiência de Gandalf todos eles conseguem escalar as montanhas e encontrar abrigo sobre as saliências das rochas. Porém, a escalada não é fácil. O narrador a descreve como um caminho tortuoso e difícil, cheio de pedras. Veja este trecho:

Era uma trilha difícil, uma trilha perigosa, um caminho tortuoso, solitário e comprido. Agora podiam contemplar atrás de si as terras que haviam deixado, estendendo-se lá embaixo. (TOLKIEN, 2002, p. 55)

O narrador utiliza-se de sinais claros para que o leitor (um público infanto-juvenil) consiga perceber o que ele está querendo insinuar. A adjetivação ajuda a formar uma atmosfera maligna e negativa. Veja no trecho acima a grande quantidade de adjetivos de significação negativa: difícil, perigosa, tortuoso, solitário, comprido.

No interior das montanhas eles são atacados pelos *orcs* e Bilbo se perde de seus amigos. Ele se acha no interior de um túnel cercado pelo mais completo breu. O espaço para ele perdeu totalmente sua utilidade de orientação. A visão, um dos gradientes sensoriais básicos, não tinha mais utilidade e ele se via completamente perdido. Utilizava-se somente do gradiente do tato para perceber o espaço. Observe:

Muito devagar ele se levantou e, de quatro, bateu o chão, até tocar a parede do túnel, mas não encontrou nada nem acima nem abaixo: absolutamente nada, nenhum sinal de anões. Sua cabeça rodava, e ele não tinha ideia nem mesmo da direção em que estavam correndo quando caiu. Tentou adivinhar da melhor maneira possível e arrastou-se por um bom trecho, até que de repente sua mão tocou o que parecia ser um minúsculo anel de metal frio no chão do túnel. (TOLKIEN, 2002, p. 69)

Bilbo não sabia, mas no meio daquele caos e escuridão ele acabaria encontrando a sua salvação e a sua perdição: o anel. Aquele é o mesmo anel que deu título à seqüência *O senhor dos anéis* e é a conexão entre as duas histórias. Na verdade o objeto mágico é igualmente uma chave importante para a trama de *O hobbit*, pois é com ele que Bilbo se salva em diversas ocasiões. A invisibilidade é um importante artifício recorrente em diversas lendas e mitologias.

E dentro dos caminhos tortuosos da montanha o *hobbit* continua caminhando cada vez mais para baixo e para o interior, até que ele se encontra na beira de uma caverna subterrânea, onde se depara com a criatura Gollum, um dos antagonistas da narrativa. Ele era uma criatura escusa e maliciosa, adap-

tada naquela escuridão, vivendo nos recônditos da montanha e ainda por cima no centro de um lago. Repare no tom ameaçador que ronda o lugar e que ameaçadora o protagonista:

De repente, sem qualquer aviso, estava chapinhando na água! Ugh! Era fria como gelo. Aquilo o fez estacar. Bilbo não sabia se era apenas uma poça na trilha, a margem de um rio subterrâneo que cruzava o corredor ou, ainda, a beira de um profundo e sombrio lago subterrâneo. (CAP. 5, p. 71)

O frio e a umidade são característicos dos locais topofóbicos. Todos os locais topofílicos, contrariamente, apresentam-se sob alguma fonte de calor e de luz. Um ponto a ser destacado é que todo esse caráter topofóbico foi reforçado graças ao eixo vertical. Foi lá no interior (baixo) que ele se deparou com a criatura Gollum e ainda por cima na mais completa escuridão. Além disso, Gollum apresenta uma dupla personalidade raivosa, talvez até mesmo uma personalidade esquizofrênica, pois o seu alterego é o seu tão precioso anel que foi achado pelo *hobbit*. A caverna é outro espaço bastante explorado. Quanto à simbologia, esse espaço pode representar o útero materno, os mitos de origem, o renascimento e a iniciação (CHEVALIER, 2002, p.212).

A comitiva ainda enfrenta os mistérios da grande Floresta das Trevas. As florestas geralmente representam os medos, tudo aquilo que é oculto ou está desconhecido. Um estudioso do assunto a abordar este espaço é Vladimir Propp em *Raízes históricas do conto maravilhoso* (2002, p. 56). Segundo o autor a floresta é uma região impenetrável, é o caminho que cerca o outro reino. As sensações já são topofóbicas para os personagens simplesmente por estarem perto daquele local. Observamos a presença desse espaço preparatório:

O terreno começou a subir cada vez mais, e o hobbit tinha a impressão de que um silêncio começava a envolvê-los. Os pássaros passavam a cantar menos. Não havia mais cervos; não se viam nem mesmo coelhos. À tarde tinham atingido a fronteira da Floresta das Trevas, e descansavam quase embaixo dos grandes ramos que se projetavam das árvores da orla. Os troncos eram enormes e nodosos, os galhos retorcidos, as folhas escuras e longas. (TOLKIEN, 2002, p. 133)

Os gradientes sensoriais vão confirmar ainda mais a sensação de opressão que a floresta causa. Antes de chegarem a seus domínios eles já enxergavam a escuridão da floresta, sentiam o silêncio que a envolvia (aliás, até mesmo os animais não mais habitavam aquelas terras), e percebiam a sua imponência.

Logo que entram nos domínios da floresta eles percebem definitivamente a sensação de sufocamento. O clima topofóbico cerca todo aquele espaço e os personagens são fortemente influenciados pelo local fechado e escuro. Veja:

A entrada para a trilha era como uma espécie de arco que conduzia a um túnel sombrio e era formada por duas grandes árvores que se inclinavam uma em direção à outra, por demais antigas e por demais estranguladas pela hera

e cobertas de líquens para poderem suportar mais do que algumas folhas enegrecidas. A própria trilha era estreita e serpenteava em meio aos troncos. Logo depois, a luz na entrada era apenas um pequeno buraco brilhando lá atrás e o silêncio era tão profundo que seus pés pareciam retumbar no chão, enquanto todas as árvores se debruçavam para escutar. (TOLKIEN, 2002, p. 137)

O narrador utiliza palavras de grande efeito para criar toda a atmosfera de terror e medo. Todos eles atravessam um arco sombrio como se a floresta estivesse abraçando-os para dentro de sua escuridão. As árvores eram retorcidas e estranguladas, até mesmo as folhas eram negras e o silêncio ainda intensificava a sensação de perigo iminente como num grande suspense.

Após seguirem uma longa trilha os anões são pegos pelas aranhas gigantes da floresta e o *hobbit* fica sozinho para testar a sua coragem. Ele então continua andando até chegar ao covil das aracnídeas. Graças ao poder de invisibilidade concedido pelo anel, Bilbo pode ajudar seus camaradas, apesar de estar à mercê das vilãs. Mesmo assim ele usou de sua coragem e entrou naquele espaço.

Avançara por alguma distância furtivamente, quando notou um lugar de sombra densa e negra à frente, mais negra até que a floresta, como um trecho de meia-noite que tivesse ficado para trás. Quando se aproximou, viu que era feito de teias de aranhas, entrelaçadas umas às outras, por cima, e por trás. De repente viu também que havia aranhas enormes e horríveis nos galhos acima de sua cabeça e, com ou sem anel, tremeu de medo de que elas pudessem descobri-lo. (TOLKIEN, 2002, p.152)

O local onde elas raptaram os anões era ainda mais escuro do que o restante da floresta. Isso demonstra a real gravidade da situação vivida pelos personagens naquele momento. As aranhas são um dos monstros recorrentes do bestiário mágico. Para Tolkien isso tem uma razão: quando criança foi atacado por uma tarântula o que lhe causou a aracnofobia. A partir disso a aranha passou a simbolizar para ele o mal.

Outro local que se mostrou topofóbico foi a fortaleza do Rei élfico. Apesar de serem conhecidos como criaturas boas, esses elfos em particular eram muito desconfiados, talvez pela influência do local em que viviam – incrustados na Floresta e também próximos o suficiente da Montanha. Thorin, recusando-se a dar qualquer informação, foi pego e levado para um dos calabouços.

Então os elfos prenderam-no com correias e fecharam-no em uma de suas cavernas mais profundas, com fortes portas de madeira, e lá o deixaram. Deram-lhe comida e bebida, ambas em abundância, embora não muito boas; pois os Elfos da Floresta não eram orcs, e comportavam-se razoavelmente bem até mesmo com seus piores inimigos quando os capturavam. (TOLKIEN, 2002, p. 163)

O calabouço reforça a ideia do elemento topofóbico relacionado ao interior e ao baixo. A prisão para onde o levaram era uma das cavernas mais profundas. Mas, apesar disso, vimos que tudo não passaria de um grande mal entendido, pois os elfos não tratavam nem mesmo os seus prisioneiros de forma degradante, dando-lhes alimentação apropriada.

Finalmente destacamos o espaço mais ameaçador da narrativa que é a região da desolação de Smaug e da Montanha Solitária. Pois é neste local que o herói trava sua batalha final, e é lá que se esconde o seu maior medo e seu maior inimigo. Conforme vão se aproximando do sopé da Montanha, eles percebem que a região, antes um reino próspero e fértil, tornou-se morta e desértica graças à presença do dragão. O silêncio intensifica a característica topofóbica do espaço. Temos o último ambiente da narrativa. Observe:

Não havia risos, canções ou o som de harpas, e o orgulho e as esperanças despertadas em seus corações pelas antigas canções junto ao lago morriam numa penosa melancolia. Sabiam que estavam se aproximando do final de sua viagem, e que esse final poderia ser terrível. A região ao redor tornava-se desolada e vazia, apesar de outrora, conforme Thorin lhes dissera, ter sido verde e bela. (TOLKIEN, 2002, p. 197)

Este é o extremo oposto dos espaços caracterizados pela sonoridade e pela melodia, que sempre se apresentam nos momentos alegres e de boa conotação. O silêncio envolve-os de melancolia e leva as esperanças, apesar de ainda seguirem em frente.

Eles então descobrem a passagem secreta nos flancos da Montanha, cumprindo-se, portanto, a “profecia” que as letras-da-lua indicavam. O espaço mais uma vez pode ser visto como o reflexo de um povo ou civilização. Até mesmo a forma como as passagens foram esculpidas revelam o caráter dos anões. Observe:

Não não era uma entrada de orcs, nem uma caverna rústica dos Elfos da Floresta. Era uma passagem feita por anões, no auge de sua riqueza e talento: reta como uma régua, o chão e as paredes aplainados, avançando numa inclinação suave, constante, para algum fim distante na escuridão lá embaixo. (TOLKIEN, 2002, p. 208)

As pedras, a retidão da entrada, todo aquele espaço construído artificialmente mostravam como era o antigo reino dos anões e como eles são: um povo rústico, determinado e sempre firme nas decisões. Aliás, a pedra é outro elemento que aparece na maioria dos espaços de conotação negativa. É o elemento contrário à madeira.

Apesar de todo aquele suspense e medo inspirados pelo espaço, Bilbo resolve investir numa exploração nas profundezas da montanha e é lá que ele encontra aquilo que vem procurando: o tesouro dos anões (bem como seu grande antagonista, o dragão Smaug). Aqui Bilbo tem que provar realmente a

que veio e demonstrar para os anões as suas habilidades de ladrão, pelas quais foi chamado para a jornada. Observe este trecho:

De qualquer forma, depois de uma breve parada, ele avançou, e vocês podem imaginá-lo chegando ao fim do túnel, uma abertura do mesmo tamanho e da mesma forma da porta de cima. Através dela espia a cabecinha do hobbit. Diante dele está o grande e mais profundo porão ou calabouço dos anões antigos, bem na raiz da Montanha. Está quase escuro, de modo que sua vastidão pode ser apenas vagamente imaginada: mas, no chão de pedra junto à porta, ergue-se um grande clarão, O clarão de Smaug! (TOLKIEN, 2002, p. 209)

Podemos chegar a algumas observações importantes do excerto acima. Primeiramente vemos que Bilbo não é mais o personagem calmo, submisso e medroso do começo do enredo. Ele é um indivíduo novo, pois, como dissera Campbell, o herói retorna de sua jornada transfigurado, renovado com o que aprendeu e cheio de lições. Podemos concluir que as aventuras são um meio de crescimento do herói, de desenvolvimento moral, intelectual e pessoal. Pois é justamente lá no fundo da Montanha que ele trava sua maior batalha: o confronto com a astúcia do dragão.

Logo após o dragão ser morto por um dos homens da Cidade do Lago, ocorre a Batalha dos Cinco Exércitos que caracteriza o clímax. Neste momento, o espaço exerce a função de propiciar a ação. O local seria meramente um palco onde as ações se desenrolariam. E não seria a primeira vez que o espaço exerce esta função. Relembremos de outras cenas como, por exemplo, do momento em que Bilbo fica preso nas montanhas cara a cara com Gollum e cercado pelo lago. Ali não havia como correr na escuridão. A única saída foi partir para a ação: mesmo que fosse em um jogo de adivinhas.

V) CONSIDERAÇÕES FINAIS

O espaço em *O hobbit* é o elemento essencial para a verossimilhança apresentada na narrativa. Este romance não existiria se não fosse a quantidade e diversidade dos espaços que rodeiam o *hobbit* e sua comitiva, cada qual com sua função e características próprias. Até mesmo os nomes dos capítulos contêm indícios que remetem à importância dos espaços.

Cada espaço faz surgir uma nova característica, uma nova linha da trama e um novo sentimento. O modo como os espaços são explorados segue uma estrutura quase fixa dentro do enredo. Mais propriamente, o narrador consegue construir ambientes topofóbicos e o topofílicos, utilizando-se, principalmente, de adjetivos.

O que podemos concluir com toda a análise dos dados espaciais em *O hobbit* pode ser enquadrado em duas categorias: a das coordenadas espaciais e a das características peculiares que separam os espaços eufóricos dos espaços disfóricos. Quanto às coordenadas notamos que o narrador sempre os dividiu quanto à interioridade, verticalidade e o eixo Oeste-Leste, conforme o esquema:

ESPAÇOS TOPOFÍLICOS: interior/ alto/ Oeste
ESPAÇOS TOPOFÓBICOS: exterior/ baixo/ Leste

Este esquema se mostra verdadeiro na grande maioria dos espaços de maneira geral, mas não se aplica a todos. Há casos, por exemplo, que o interior é topofóbico, como o caso da fortaleza do Rei élfico ou que o exterior é topofílico, como na chegada da casa de Beorn.

Quanto à segunda categoria temos as características peculiares que reforçam a ideia de harmonia ou desarmonia dos espaços. São características que aparecem frequentemente e que podem ser relacionadas à topopatia. Podemos enumerá-las da seguinte forma:

ESPAÇOS TOPOFÍLICOS: luz, calor, comida, madeira, som e música.
ESPAÇOS TOPOFÓBICOS: escuridão, frio, umidade, pedra, silêncio.

Apesar de apresentarem sempre uma ou mais destas características por espaço, existem exceções. É o caso, por exemplo, da fortaleza do Rei dos Elfos em que há muita iluminação, apesar do seu caráter topofóbico; da umidade da Cidade do Lago, apesar de ser caracterizado como topofílico; ou ainda de casos em que um só elemento pode ter conotações positivas e negativas ao mesmo tempo como é o caso da terra na Vila dos *hobbits* e no esconderijo dos *trolls*.

Essas características que encontramos são apenas marcações que podem ser úteis para o leitor entender a trama como um todo. É claro que há muitas outras características implícitas no enredo e a discussão não para por aqui. O que objetivamos em nossa pesquisa foi tentar extrair o máximo de informações possíveis para o entendimento da narrativa por meio da ótica espacial.

FILHO, O. B.; JÚNIOR, N. F. DA S. TOPOPHILIA AND TOPOPHOBIA IN THE HOBBIT, BY J. R. R. TOLKIEN

Abstract

The Hobbit (1937), by J. R. R. Tolkien, is remarkable for its descriptions and lots of space. With Topoanalysis proposed by Borges Filho, the main objective of this study is to examine the spaces in the narrative, through the focus of Topopatia (Topofilia and topofobia), considering the space-character affective interest.

Keywords

Topoanalysis; Space; Tolkien.

Referências

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. In: **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BORGES FILHO, Ozíris. **Espaço e literatura**: introdução à Topoanálise. Franca: Ribeirão Gráfica Editora, 2007.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 2007.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

FERNANDES, Francisco; GUIMARÃES, F. Marques; LUFT, Celso Pedro. **Dicionário Brasileiro Globo**. São Paulo: Globo, 1997.

GONÇALVES, Dircilene Fernandes. **Pseudotradução, linguagem e fantasia em O Senhor dos anéis, de J. R. R. Tolkien**: princípios criativos da fantasia tolkieniana. 2007. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos e Literários em Inglês) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

HORNBY, A. S. **Oxford Advanced learner's dictionary of current English**. Oxford: Oxford University Press, 2005.

PROPP, Vladimir. **As raízes históricas do conto maravilhoso**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

TOLKIEN, J. R. R. **Sobre histórias de fadas**. São Paulo: Conrad, 2006.

_____. **O hobbit**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

O FANTÁSTICO NA NARRATIVA FÍLMICA

